

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º A entrega	27.º Anno — XXVII Volume — N.º 917	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Portugal (franco de porte, (m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	20 DE JUNHO DE 1904	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem....)	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

E conversamos toda a noite, enquanto
A via lactea, como um pallio aberto,
Scintilla. E, ao vir o sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céo deserto.

Direis agora: — Tresloucado amigo!
Que conversas com ellas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo? —

E eu vos direi: — Amae para entendel-as!
Pois só quem ama póde ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrellas



OLAVO BILAC

Photographia do sr. A. Bobone

CESTEVE ha pouco entre nós este grande poeta brasileiro, um dos mais notaveis dos tempos modernos, um dos que melhor teem sabido vibrar, artista inspiradissimo, metrificador como raros, as cordas da lyra portugueza.

N'este jornal o saudámos quando da sua rapida visita a Lisboa. Gloria do Brazil, gloria das letras portuguezas, é Olavo Bilac uma gloria nossa. Renovamos-lhe aqui o applauso, e do seu livro de poesias, do capital o que se não encontrará facilmente rival e que tem o luminoso titulo de *Via-Lactea*, todo elle formado de esplendidos sonetos, um arrancam, joia preciosissima, merecedora de andar na memoria de quantos prezam a alta poesia. Não tem titulo no livro este soneto; poderiamos aqui chamar-lhe *O dedo do gigante*.

SONETO

— Ora (direis) ouvir estrellas! Certo
Perdeste o senso! — E eu vos direi, no emtanto,
Que, para ouvil-as, muita vez desperto
E abro as janellas, pallido de espanto...

Chronica Occidental

Coisa exquisita que o mez chamado dos santos fosse agora o mez dos crimes. Ou de pouco serviu o exemplo que deram ou vão da humanidade desviando os olhos. Uns atraz dos outros, os crimes vieram dar umas linhas ao noticiario, n'este principio de verão que, quer seja pelo calor, quer pela falta de assumpto, muita vez faz suar á mesa das redacções os encarregados do noticiario.



Miss E. Ellerton, Miss E. Barley, Miss Phillimore
C. Hickie — Percy Barley — R. A. Shore — S. Rawes — E. Hickie — C. Barley
VENCEDORES NO TORNEIO DE LAWN-TENNIS EM 2 DO CORRENTE
NA CRUZ QUEBRADA

(Photographia do sr. Bénoliel)

Um dos crimes, o peor de todos, a historia dos dois homens assassinados no boqueirão do Duro teve, para o caso especial em que o encaramos agora, a vantagem de se achar revestido d'um grande misterio que a policia afinal desvendou. O do policia anavalhado na feira de Belem e o do candongueiro em que um guarda fiscal acertou com uma bala offereceram muito menos interesse á curiosidade publica.

No mez dos santos tantos crimes! N'este mez de junho alegre, tão cheio de luz, o mez das searas loiras e de tantos e tão lindos fructos nas arvores! Se, ao menos, lá de fóra nos viessem novas alegres!

Mas qual! O telegrapho parece que só está carregado de comunicar desgraças! Veja-se o caso d'aquelle vapor em East River, a cujo bordo se declarou incendio e que conduzia em excursão mil crianças da Escola allemã de estudos religiosos. O numero total das victimas, entre queimadas e afogadas, calcula-se em quinhentos. Já trezentos e tantos cadaveres foram recolhidos.

Se quizermos distrahir o espirito, não lancemos os olhos para os telegrammas a respeito da guerra onde de mortos e feridos se fala por milhares. E, segundo a opinião de alguns, não acabará tão cedo. Nos combates dos dias 14 e 15 d'este mez, os russos tiveram 500 mortos e deixaram 300 prisioneiros e 14 canhões nas mãos do inimigo. Os japonezes entre mortos, feridos e prisioneiros diz-se que perderam mil homens.

E a anciedade continua; todos os dias se esperam novas de Porto-Arthur. Segundo um critico militar todo a campanha se resume no tomar d'aquella praça, o que logo decidirá da victoria. Demore-se o cerco dois mezes ainda, diz elle, e a Russia haverá augmentado prodigiosamente as suas forças com os contingentes que lhe chegam cada semana e com o auxilio das forças navaes que tem na Europa; tomem já os japonezes Porto-Arthur e toda a esquadra russa será destruida e destruido o prestigio do imperio moscovita.

E, seja qual fôr o caso, excepto para um ou outro bolsista, ainda a nova será pouco de agradar.

Decididamente o melhor que ainda temos para falar de alegria é voltarmos a Lisboa e relembrar festas de que por ahí tem sido motivo a estada no Tejo da esquadra americana, cujos officiaes, de extrema amabilidade, a teem visto correspondida com a mais effectuosa recepção.

Tudo quanto Lisboa, n'este tempo em que já costuma começar a recolher-se no seu annual silencio, lhes tem podido offerecer, além de seu esplendido céu e luminosas noites, para tudo os americanos teem sido convidados, confessando-se extremamente penhorados pela galanteria com que foram recebidos.

Foi esplendido o baile realizado em casa do ministro da America, sr. Bryan, que juntamente com seu pae, veneravel octogenario, e sua irmã Miss Bryan, todos teem captivado por sua amabilidade extrema.

Espanta ler a lista dos convidados, quando já Santo Antonio foi festejado e, por todas as terras elegantes da provincia, os hotéis se acham abertos e os donos impacientes á espera dos forasteiros.

Tenham paciencia. Os costumes do inverno ainda não se despediram de todo dos lisboetas e junho pasmado ouve em Lisboa pas-de-quatre e polcas, contradanças e valsas.

Já era tempo para os poetas andarem por ahí cantando as bellezas da solidão e respondendo com amorosas quadras de saudade á chilreada dos pardaes, senhores da Avenida.

Mas é cedo ainda. Esperem que a esquadra abale barra fóra, e tunnel fóra abalará tambem toda a sociedade elegante.

A zarzuela safou-se do theatro D. Amelia. Resta á população que quer divertir-se o circo das Portas de Santo Antão, onde Maria Galvany tem feito furor e Rosa de Vila foi muito justamente applaudida na *Tosca*, e a feira de Alcantara, onde, todas as noites, em barracas, em theatros, em circos, metade da população de Lisboa se agglomera.

Aquillo é que póde chamar-se progresso! Até já nas esquinas de Lisboa se affixam os telegrammas em que os grandes artistas annunciam a sua chegada, tal qual para o Colysêu do sr. commendador Antonio Santos.

Nos quoque gens sumus et cavalgare sabemus.

Não nos parece estarmos longe da verdade affirmando que a feira, contra a qual se tentou fazer um abaixo-assinado, é o grande exito do verão e o preferido refugio dos lisboetas.

Tudo o mais que distrahia acabou ou está por pouco.



ROSA DE VILA

Terminou a exposição hippica que se realizou na Tapada da Ajuda, achando-se já desarmadas as barracas e o pavilhão real.

Que faremos depois em Lisboa nas longas tardes silenciosas? Para onde encaminharemos os passos? Que raros passeantes, para um bocadinho de cavaco, encontraremos na longa Avenida, ainda mais tristonha tornada pela iluminação electrica e suas projecções de sombra muito negra?

Já lá vae o Santo Antonio; ainda nos faltam o S. João e o S. Pedro. Mas por mais que nos falem na poesia da tradição, forçoso é confessar que nem por isso é muito encantador o barulho das cornetas de barro na Praça da Figueira e o fado de chulipa no Rocío.

Nem todos são tão poetas como Antonio Corrêa de Oliveira que foi pensar nos santos e logo compôr mais um auto encantador — *O Auto de Junho* — agora editado pela Livraria Ferreira.

«Vae amanhecendo. O azul descóra n'um alvamento de nevoas, e um longinquo beijo do Sol põe já um leve rubor na face da Madrugada. Ao fundo do monte, caminho da Aldeia, entre o choalhar d'um rebanho e os balidos saudosos das ovelhas, ouvem-se uns sons de flauta pastoril e a toada d'uma cantiga.»

E diz Santo Antonio, reconhecendo a voz do cantador:

*Lá vem quem morre de amores...
Oh! que boa e linda sorte!
Feliz quem morre de amores,
Porque não morre da morte!*

Felizes dos que assim são poetas e facilmente encontram onde vão refugiar-se! Fazem falar os santos, que é como falar com elles, e, quando sósinhos, quem melhor andou no mundo acompanhado?

São os homens mais felizes da terra e á alguns nem sequer lhes falta a gloria, como agora succede a Guerra Junqueiro, que de Paris, com pequenas paragens em Biarritz e Madrid, já vem de volta para Portugal. Tornou seu nome mais conhecido agora; mais vaidosos ficaremos nós, porque nasceu em Portugal um dos mais altos talentos do mundo que o reconheceu assim.

Voltará Junqueiro para a Barca d'Alva, para a feliz paisagem, que tantas vezes lhe deu a inspiração. Por isso elle canta a luz ainda, e os outros só cantam saudades como os rouxinões céguinhos.

Bom é, sejam elles quem fôr, que os poetas continuem cantando para nós, pois que Lisboa nem cigarras tem.

As companhias theatraes abalaram ou estão deabalada, umas no Brazil, outras nas ilhas, algumas dispondo-se para ir correr terras de provincia, dando aos provincianos ou brazileiros, muita vez benevolos, as peças, melhor ou peor, conforme o permittem as circumstancias.

Outro genero de espectaculos vae breve começar em Lisboa e Porto, e até já começou em Coimbra: são os exames dos rapazes, que mais affligem os paes do que se estes fossem auctores em dia de primeira representação. Já o *Seculo* publica os resultados dos exames na Universidade, e quantos olhos anciosos correrão aquellas

columnas, a vêr se descobrem o nome do pequeno! São terríveis sensações tambem.

As mesmas não terão, segundo se diz, os concurrentes aos logares de deputados. Esses já teem a certeza do que ha de sahir de dentro da urna. As surpresas, se as houve, já se realisaram.

O numero dos candidatos progressistas é de 43, tendo já os jornaes publicado a lista com os nomes de todos elles.

São eleições que não despertarão curiosidade. Nem sequer serão motivo para entreter os ocios n'estas compridas tardes.

Quando, durante a campanha da restauração, chegava este tempo, era no Alemtejo um socego. Quem se bateria n'aquellas charnecas? E o Conde da Ericeira escrevia: «O calor tomou posse da provincia» O calor toma agora posse de Lisboa. Quem no mez de junho poderia discutir acaloradamente! Bem tinham as eleições de ser o que vão ser: uma cerimonia, uma paz pódre-

João da Camara.

Aos meus traductores

Para vós todos sem cessar adeja

Minh'alma agradecida,

Ó vates, que á pobreza de meus cantos

Destes uma outra vida

Mais extensa e melhor. Echos sonoros

Que do meu pensamento

A uma parte da Europa me levastes

A forma e o sentimento,

Bem me lembro de vós; porém não basta,

Não basta d'essa gloria

Em silencio guardar dentro do peito

A agradável memoria;

É necessario publical-a a todos,

E como sei e posso

Aqui juntos deixar entrelaçados

Meu nome e o nome vosso;

Meu nome, que entre tantos, quasi occulto,

Quasi desconhecido,

Sem vós, talvez um dia se escondesse

Inda em mais fundo olvido;

O vosso, por que diga a quem sou grato,

Quem meus escriptos préza,

Quem, honrando-me assim, estima e honra

A lingua portugueza.

A ti vão pois estes singelos versos,

Ó Peragallo amigo,

Que viveste comnosco tantos annos,

E emfim buscaste abrigo

Longe d'aqui, na tua illustre Genova,

Mas de nós não te esqueces,

Antes, de quando em quando, algum tributo,

Saudoso, lhe offereces,

De Lysia aos fastos já volvendo a cinza,

Já manejando o plectro.

A ti vão, Cannizzaro, que incessante

Lanças em facil metro,

Philosopho-poeta inextinguivel,

Conceituosas idéias,

E de Garrett aos magicos accents

Evocas as sereias

Do mar siciliano; e a ti, da Grecia
E de Roma sciente,
Que á numaria dedicas o teu culto,
E vertes egualmente

Os carmes da gelada Escandinavia,
Ambrosóli, que um dia
Conheci, conversei na gran cidade
Da rica Lombardia,

Quando ali fui para acabar a Historia
Do desditoso Infante,
Martyr da nossa cara liberdade.
A ti vão, ó prestante

Benolíel, ó bardo, ó polyglotta,
Que com graça profusa
Fizeste que meus hymnos perfilhasse
A castelhana musa;

E a ti, Novôa, de Sevilha orgulho,
Que no hispano idioma
Tambem os trasladaste, sem tirar-lhes
A côr, o viço, o aroma.

A ti Biórkman vão, que, abandonando
Por um momento o estudo,
Á Suecia o meu nome revelaste
E o meu engenho rudo;

E a ti, das obras de Camões interprete,
Ó filho de Allemanha,
Que, depois de obrigar a nossa patria
Com dadiva tamanha,

Te lembraste de mim, da minha lyra,
Ó sempre generoso,
Bom Storck; e a ti de Portugal querido,
Millien harmonioso,

Que a França, teu paiz, a um tempo serves,
E serves nossas letras,
E da minha poesia no mais intimo
Fielmente penetras.

A todos vós este meu debil canto
Enviu agradecido,
Que de vós, que de tudo que vos devo
Nunca me hei esquecido.

Assim pudesse eu a um outro ainda
Mandal-o! E esse o primeiro
Seria. Mas ha muito, infeliz Brígnoli,
No asylo derradeiro

Jazes; que ha muito nos deixaste, e quando
Da vida a primavera
De gosos um porvir te promettia,
E tão formoso te era!

Mas, se não podes escutar-me, ai! triste!
Se a terra te consome,
Permitte que entre os mais aqui recorde,
Aqui ponha o teu nome,

E que, em signal de gratidão, ao menos
Sobre a campa marmorea,
Que de mim te separa, algumas lagrimas
Chore em tua memoria.

Lisboa—1904

Ramos-Coelho.

THEATRO DA TRINDADE

A PRETA DO MEXILHÃO

Com o fim de quebrar a monotonia das noites calmosas, em que os theatros escasseiam por falta de companhias portuguezas, as quaes se desorganizam para deixarem que se organisem companhias estrangeiras que veem aqui buscar lucros certos enquanto os nossos artistas andam em *tournees* pelas provincias, que nada lhe deixam, ou vão em busca da morte pelas terras do Brazil, o que é muito peor, escolheu o empresario



EDUARDO COELHO



PEDRO PINTO



J. NEUPARTH



NICOLINO MILANO

Taveira, da Trindade, uma peça de feitura apropriada para o effeito, cheia de bons ditos, musica inspirada, acção popular, recommendada por quatro nomes sympathicos ao publico, os dois escriptores srs. Eduardo Coelho e Pedro Pinto e os dois maestros Julio Neuparth e Nicolino Milano.



GEORGINA CARDOSO



THEREZA MATTOS



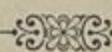
QUEIROZ



GOMES

A *Preta do Mexilhão*, parodia á *Aida*, de Verdi, teve a accettazione publica, e as successivas enchentes que a opereta tem dado ao theatro, provam mais do que a critica o quizesse fazer, que os auctores e maestros, que já teem provado a sua competencia em muitos outros trabalhos, conseguiram affirmar mais uma vez essa competencia de maneira deversas lisongeira para os seus creditos e talentos.

Quanto ao desempenho só temos a dizer bem, especializando no entanto Georgina Cardoso, que além de possuir boa voz, interpretou bem o papel da protagonista, *A Preta do Mexilhão*, Theresa Mattos a quem coube o difficil papel de *Acomères*, Queiroz no papel de *pae Paulino*, e Gomes no de *Remphis*.



Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes

Encerrou-se no dia 15 do corrente esta exposição que esteve aberta durante uns trinta dias, regularmente visitada mas em que poucas obras se venderam.

Alguns quadrinhos de pouco preço, que dos melhores destinados á venda, os compradores não lhes chegaram, o que não é muito animador.

Obras havia de merecimento e o jury, composto pelos srs. Antonio Ramalho, Velloso Salgado, Costa Motta, Carlos Parente, Alexandre Soares e Luciano Lallemant, reuniu no dia 30 de maio e classificou os seguintes trabalhos:

Pastel—Medalha de honra, S. M. El-rei D. Carlos I; medalha de 2.ª classe, D. Emilia Adelaide Santos Braga; medalha de 3.ª classe, D. Beatriz do Alto Mearim e Mattoso da Fonseca Menções honrosas: Frederico Cesar da Camara Lemé, D. Maria E. de Carvalho e Hygino de Mendonça.

Caricatura—Medalha de 3.ª classe, Francisco Valença.

Arte applicada—Medalha de 2.ª classe, Jorge Collaço; medalha de 3.ª classe, José Antonio Jorge Pinto. Menções honrosas: D. Branca Assis Marques e João Eloy Ferreira do Amaral, D. Maria Candida Guimarães, D. Julia Herminia Ferreira Pinto e D. Marianna Urbano Villar.

Aquarella—Medalhas de 2.ª classe: José de Brito e Alfredo Guedes. Medalha de 3.ª classe: Bartholomeu Sezinando Ribeiro Arthur. Menção honrosa, Henrique José de Sousa Tavares.

Esculptura—Medalha honrosa, Antonio Augusto da Motta.

Architectura—Medalha de 2.ª classe, Tertuliano de Lacerda Marques. Medalha de 3.ª classe, Frederico Gomes.

Pintura a oleo—Medalhas de 2.ª classe: José Nunes Ribeiro Junior, Manuel Henrique Pinto e David Estrella de Mello. Medalhas de 3.ª classe: Thomaz de Moura e Carlos Gomes Fernandes. Menções honrosas, Joaquim Porphirio, Adolpho Massou, Joaquim Luiz Cardoso.



BOLAS DE SABÃO

Quadro de Christino da Silva

Damos ainda hoje n'estas paginas a reproducção de mais algumas obras que se viam na exposição dignas de apreço, como os quadros de Almeida e Silva, um artista de Vizeu; Christino da Silva, que tantas vezes tem illustrado as paginas do OCCIDENTE; Jorge Collaço, que tenta com bom exito a pintura em azulejo, D. Laura Sauvinet Bandeira, já premiada em anteriores exposições, Roque Gameiro, o incomparavel aquarellista etc.

G. A.



PROMPTA PARA A MISSA — Quadro de D. Laura Sauvinet Bandeira



VETERANO DE HORMUZ — Quadro de Almeida e Silva



RETRATO DE MINHA MÃE — Aguarella de Roque Gameiro



EL-REI D. SEBASTIÃO — Quadro em azulejo de Jorge Collaço



1. Dr. Alfredo da Cunha — 2. José Maria dos Santos Junior — 3. Francisco d'Almeida Grandella — 4. Antonio Palhares — 5. Alexandre Morgado — 6. Domingos Esteves Gouvêa — 7. Eduardo de Noronha — 8. Major João Dias da Silva — 9. Dr. José Manuel da Veiga — 10. Coronel José Antonio de Moraes Sarmento — 11. Marquez de Anjeja — 12. Capitão Augusto Gomes Ferreira — 13. Carlos Augusto Ferreira — 14. Dr. Antonio Rodrigues Pinto — 15. Romão José Ferreira — 16. João Antonio de Sousa Amorim — 17. Sousa Bastos — 18. José Joaquim da Silva Graça — 19. Dr. José Joyce — 20. Baptista Borges.

OS FUNDADORES DO ALBERGUE DAS CRIANÇAS ABANDONADAS

Albergue das Crianças Abandonadas

Está em festa, celebrando o seu 7.º aniversário esta instituição de caridade, fundada e mantida pela iniciativa particular, afim de exer-

cer a protecção ás creanças a quem a morte dos paes, a sua doença, prisão, ou ainda o seu desamor lançou ao abandono.

Algumas instituições com este fim tinhamos já, e entre ellas recorda-nos uma mais recente fundada pela iniciativa do sr. D. Luiz de Carvalho

Daun e Lorena, marquez de Pomares, quando governador civil, o Asylo das Raparigas Abandonadas, installado no antigo convento do Rato, para esse fim restaurado e adaptado.

Provera a necessidade de crear essa instituição de, entre os annos de 1879-80, apparecerem pe-



VISTA EXTERIOR DO EDIFÍCIO DO ALBERGUE

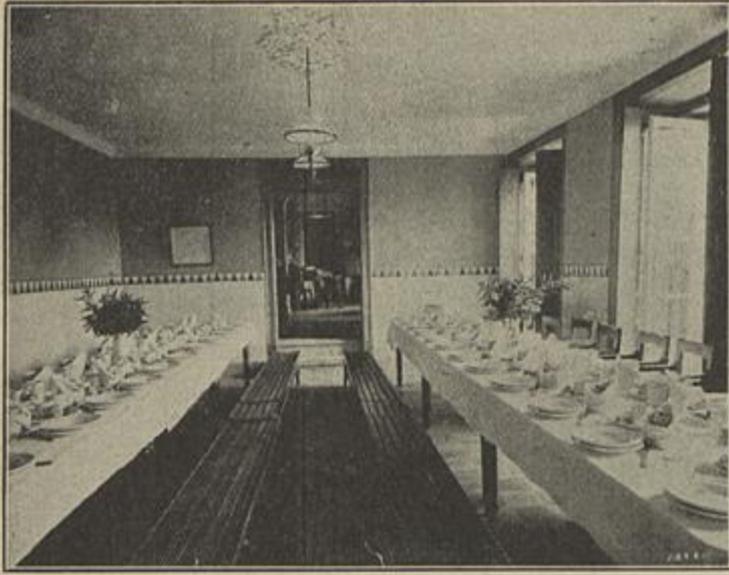


UMA CAMARATA

las ruas crescido numero de creanças abandonadas, e, então, ao passo que as do sexo feminino eram recolhidas no novo asylo, as do masculino entravam para os asylos municipaes, creados por essa occasião e alargados os antigos, para dar lugar a todas que era necessario socorrer.

Mas os tempos decorreram e não foram precisos largos annos para de novo se tornar ao mesmo estado de cousas. Novos casos de abandono de creanças tornaram a apparecer e foi então que no espirito de dois funcionarios da policia,

O ALBERGUE DAS CRIANÇAS ABANDONADAS



O REFETTORIO

começou a crear raizes a idéa de fundar uma instituição destinada a albergar as creanças abandonadas.

Esses funcionarios são os srs. João Antonio de Sousa Amorim, sub-inspector de policia e Alexandre Morgado, chefe d'aquelle corpo.

Trabalhando persistentemente na realisação do seu ideal, foram ganhando valiosas adhesões, e nos começos de fevereiro de 1897, podia-se já dizer que o Albergue das Creanças Abandonadas existia de facto.

Em numero de vinte os fundadores, reuniram os meios precisos para instituirem a casa de abrigo para as creanças, e lançando-se todos ao trabalho com persistente e illustrada dedicação, nomeando entre si administrações zelosas, escolhendo pessoal digno e habilitado, teem ha muito conseguido o seu fim, vendo realisaados os seus esforços com excedida vantagem.

O Albergue das Creanças Abandonadas alem de ser um estabelecimento modelar no seu genero, tem o grande prestigio que lhe dá a estima publica, estima merecida e dignamente conquistada.

Dos grandes serviços que o albergue já tem prestado, tem-se occupado toda a imprensa, e os actos da sua benemerencia constituem uma das paginas mais brilhantes do nosso altruismo.

Até 1903 o albergue tinha soccorrido 1:300 creanças de ambos os sexos, que a fatalidade ou a malvezia haviam deixado ao desamparo.

Como, porém, o internato d'esta casa de caridade apenas pôde comportar cincoenta albergados, o seu fim principal é recolher temporariamente as creanças que de momento se encontrem em estado de abandono e arranjar-lhes collocação, mantendo sempre sobre os albergados a sua fiscalisação e tutela.

E' assim que no concelho do Cadaval estão collocadas mais de 50 creanças que foram encontrar nos estranhos não só o carinho e a protecção que não encontraram nos auctores dos seus dias, como quem os habilite a poderem no futuro ser homens uteis á sociedade e a si proprios, pelo trabalho honesto e perseverante.

Tal tem sido o fim dos directores do Albergue das Creanças Abandonadas, fim levantado e digno que ha de deixar perpetuados os seus nomes na historia da caridade christã, como verdadeiros missionarios do bem.

De dedicações e concurso de muitos se tem constituído esta obra meritoria, e assim entre os que tem concorrido para o Albergue agora se nos offerece citar o honrado e infatigavel proprietario da fabrica de bolachas da Pampulha, sr. Eduardo Costa, que offereceu a esta instituição de beneficencia, uma nova especie de bolachas finissimas que denominou *Caridade*, cujo producto da venda reverte em favor do Albergue.

Esta lembrança é tão delicada como altruista e bem affirma a philantropia do sr. Eduardo Costa. R.

Acção Social da Federação Agricola

O illustre e muito illustrado lavrador beirão dr. Pedro Ferreira dos Santos, no remanso da sua magnifica propriedade de Villa Meã (Mangualde),

escreveu um livro de propaganda utilissimo intitulado: *Guia pratica das associações agricolas em Portugal*, que a Real Associação de Agricultura editou com o fim de baratear o seu custo de venda o mais possivel, não tendo intuitos gananciosos. N'este facto está o maior elogio que se possa fazer á obra: julgada pelos lavradores foram estes de parecer que se lhe devia dar todas as facilidades para se espalhar quanto mais melhor no meio rural.

D'esse livro extractamos hoje o final da parte II que se chama: *Federação Agricola. Dos Sindicatos e Associações Agricolas, Sociedades Cooperativas e de Mutualidade* se occupa a parte I, tendo ainda copiosos annexos onde se encontram modelos de estatutos de todas as associações que podem ou devem interessar o paiz, conselhos e indicações praticas para a sua constituição, etc., etc.

A obra é prefaciada pelo professor sr. D. Luiz de Castro, do Instituto de Agronomia.

A' transcripção do trecho juntámos copia d'um retrato do auctor, prestando assim homenagem a um trabalhador indefesso, intelligente e estudioso, como não haverá muitos, sobretudo no meio lavrador em que vive honrando-o e enaltecendo-o.

Registando n'estas paginas os pontos fundamentaes das reclamações da nossa lavoura no momento presente, tivemos em vista mostrar os serviços que a Federação agricola pôde vir a prestar-nos.

Em França todo este programma é já uma realidade pratica. N'esta ultima duzia de annos os interesses ruraes tem sido notavelmente attendidos por todos os gabinetes francezes.

É manifesto o predominio da chamada politica economico-agricola.

Não obstante, nunca existiu nem existe ainda nem na classificação dos partidos, nem nos agrupamentos parlamentares d'aquella grande nação um partido politico-agricola.

O que existe em França (e é exactamente isso o que nos faz falta) é um forte vinculo ou laço federal unindo a classe agricola e coordenando as suas forças.

O predominio das questões economico-agricolas sobre as questões de politica pura, que por muito tempo foram a unica preocupação dos governos e

dos partidos, — é evidentemente devido á influencia do principio associativo em agricultura.

Foram os Sindicatos Agricolas, as Uniões de Sindicatos e a União Central dos Agricultores de França, orgão superior da Federação Agricola no qual se unificam e integram todas as forças e energias da classe rural — que imprimiram á politica franceza este novo rumo e obrigaram os governos a cuidar a sério dos grandes interesses da terra.

Esta nova phase da politica franceza coincide notavelmente com a marcha do movimento syndical no seio da sua Agricultura Segundo o Relatorio já citado do conde de Roquigny havia em França, no 1.º de julho de 1884, 5 syndicatos.

No 1.º de julho de 1889 attingiam já a cifra de 537. Dez annos depois, em 1899, ultrapassavam já o numero de 2:000. «Actualmente o numero total dos syndicatos profissionaes, pertencentes aos diferentes ramos da agricultura, deve muito provavelmente exceder 2:500...»

«Quanto ao effectivo global dos membros dos Sindicatos Agricolas pôde-se avaliar com uma certa aproximação tomando uma media que será razoavelmente fixada em 300 membros por syndicato. E' pois permitido suppór: que os nossos Sindicatos Agricolas agrupam em bloco 700.000 a 800.000 agricultores, e que, estes agricultores sendo chefes de familias ruraes, 3 a 4 milhões de pessoas se encontram interessadas no seu funcionamento.»

Setecentos a oitocentos mil agricultores alistados em 2:500 Sindicatos Agricolas, espalhados pela França inteira;

Onze uniões regionaes, verdadeiros motores de toda esta força syndical, estendendo a sua acção a 76 departamentos; e, por fim, no vértice da pyramide, a União Central dos Agricultores de França, abraçando todo este territorio e tendo, junto dos governos, a representação espontanea a mais perfeita e a mais poderosa d'esta legião de agricultores!

Que admira que a politica em França se preocupe, cada vez mais, das questões agricolas e que os partidos cuidem a serio dos interesses dos lavradores?!

Em Portugal existe tambem uma grande legião de lavradores. A classe agricola representa as 7 decimas partes de toda a população, estando ainda indestruivelmente ligados, pelo laço de interesse, á exploração do sólo os 3 decimos restantes.

Varias crises, e especialmente — a vinicola e a cerealifera —, estão assumindo proporções medonhas. Não obstante a gravidade d'estas crises continuam os nossos governos e partidos a considerar muito secundariamente a lavoura e os interesses ruraes.

Haja vista a esterilidade dos trabalhos legislativos d'estes ultimos annos, apesar da crise vinicola em que o paiz se debate, ter chegado já a grande acuidade.

E por que é que os governos e as maiorias parlamentares não tem cuidado a serio dos interesses ruraes? Já o dissemos e nunca será de mais repetir-o: porque a nossa lavoura e as nossas associações agri-



GRUPO DE CREAÇAS ALBERGADAS COLLOCADAS NO CONCELHO DO CADAVAL

colas não tem sabido nem podido interessar-se na marcha dos negócios publicos.

A força agricola em Portugal é como se não existisse. E' uma força enorme, de um grande fundo de resistencia, mas nem está organizado nem sabe mobilizar-se.

Só a «Federação» poderá organizar a classe agricola para a defesa dos seus grandes interesses geraes.

Mas como é que a Federação Agricola deverá fazer valer a sua força e influencia junto dos governos?

Este problema tem sido já abordado na imprensa, nos comicios e reuniões agricolas.

A solução não é facil. Como importa uma certa modificação nos habitos ou costumes dos lavradores, e nos usos da politica portugueza hade levar seu tempo a resolver; ou, quem sabe, talvez a propria gravidade da crise agricola em Portugal venha a resolver o problema mais cedo do que se cuida.

No Congresso Vinicola de 1900 apresentou se uma proposta cuja redacção era a seguinte:

Os viticultores congressistas abaixo assignados: Considerando que o conjunto de providencias de fomento agricola e de protecção a viticultura nacional, que os nossos estadistas tem vindo successivamente decretando, não tem dado os resultados que se esperavam, principalmente por falta de preparo e disposição dos proprios viticultores para d'essas leis tirar todo o partido ou beneficio;

Considerando que ainda mesmo que se obtenham tratados de commercio, uma remodelação de impostos, premios a exportação, um bom regimen sob o alcool industrial, etc., nem assim lograremos ver conjurada a crise que nos ameaça — enquanto nós viticultores não comprehendermos, de uma vez para sempre, que é principalmente com a nossa propria iniciativa e com o nosso trabalho que devemos contar, congregando e unindo os esforços de todos por meio de associações e promovendo o estabelecimento das differentes instituições economicas que nos faltam.

Considerando que a reforma de que mais urgentemente carecemos, é a modificação profunda dos nossos costumes rotineiros, que nos trazem dezenas de annos atraz do nosso tempo e das nações de agricultura prospera e moderna — do que tem resultado vivermos separados, n'um isolamento e individualismo egoista, e por isso mesmo impossibilitados de salvaguardar os nossos interesses collectivos;

Considerando que só por meio de uma Federação Agricola nos podemos approximar uns dos outros, penetrando-nos dos sentimentos de *mutualidade* e *solidariedade*, a que temos andado inteiramente alheios, e que são a base mais solida do movimento associativo moderno e o unico meio de promover a *mobilização* das nossas forças agricolas, *arregimentando*, assim os nossos homens de creanças e de boa fé que, fóra de todo o espirito de partido, trabalham pela criação de Sindicatos e Cooperativas agricolas;

Considerando finalmente que d'este congresso de tantos milhares de agricoltos se pôde e deve esperar o inicio de um grande *movimento associativo* entre todos os viticultores e lavradores portuguezes;

— tem a honra de submeter á esclarecida apreciação da assembléa a seguinte proposta:

Que o Congresso solicite e confie da nobre — Real Associação da Agricultura Portugueza — o honroso encargo de estudar o melhor meio de, o mais promptamente possível, levar a effeito a união de todas as associações agricolas do paiz, já creadas, e dos demais orgãos da nossa Federação Agricola, que desde já afirmem ou venham a afirmar a vitalidade e a força da grande Legião Rural Portugueza.

Sala das sessões do Congresso Vinicola Nacional, 7 de fevereiro de 1900 — Pedro Ferreira dos Santos — Bernardino Raposo de Sousa Alte — Joaquim Saraiva d'Oliveira Baptista — Fortunato Vieira das Neves — Alfredo Barjona — José Caetano dos Reis — Adelino Paes Pinto do Amaral — José Guilherme Macieira — Joaquim Xavier de Oriol Pena — Antonio de Vasconcellos — José Antonio de Oliveira Soares — Dr. João G. de Barros e Cunha — Hirminio Duarte Ferreira — José Relvas.

O pensamento d'esta proposta foi depois esboçado n'um artigo do «Boletim» da Real Associação, sendo as bases em que a Federação deveria firmar-se as seguintes:

BASE I

No vertice da hierarchia, como chave da abobada de todo o edificio federal, a Real Associação da Agricultura Portugueza — enquanto esta benemerita corporação, continuando a sua grande obra de progresso, constituir de facto e realmente a *união central* dos agricoltos portuguezes.

No grau immediato os grandes agrupamentos regionaes — Ligas ou Uniões de Sindicatos — perfeitamente delimitados, enquanto esses agrupamentos, reflectindo um aspecto particular e proprio, continuarem a inspirar-se nos interesses agricolas especiaes e communs de cada região.

Por último os Sindicatos agricolas de área menos vasta, orgãos primordiales indispensaveis á Federação, actuando cada um na sua esphera propria para supprir as necessidades agricolas *locaes*, e esperando das associações de grau superior a palavra d'ordem para a acção geral.

O laço federal estabelecer-se-ia através d'estes 3 graus da hierarchia agricola.

BASE II

A organização politica da classe agricola portugueza deve começar por ser completamente independente da *politica partidaria*. A idéa associativa que deve presidir á sua organização não pôde ter em mira, a *princípio*, qualquer *acção eleitoral*. Organize-se fortemente e hierarchize-se as associações agricolas sem se deixarem corroer e verminar pela *intriga* politica, façam valer a sua força e influencia perante os governos, e só depois, e muito depois, aspirem a exercer uma *forte* ou mesmo *decisiva* influencia na Representação Nacional. Esta ultima phase ha de vir, *se vier*, como uma consequencia natural da vitalidade e das necessidades da classe agricola; se tentarmos começar por ella podemos tudo comprometter, maculando com um vicio d'origem e uma fraqueza congenita todos os trabalhos a emprender e tentativas a realizar.

BASE III

Deve-se, desde já, combater energicamente o espirito de exclusivismo regionalista com o seu apanagio de egoismo feroz e irritante intolerancia, e pôr a questão agricola sob o seguinte dilemma: Ou a classe agricola se une e identifica n'um largo espirito de defeza geral e de fomento nacional, ou os agricoltos do norte, os do centro e os do sul, suppondo-se independentes uns dos outros — permanecerão selvaticamente isolados no seu individualismo egoista, e trabalhando desordenadamente, por sua propria conta e risco, annullar-se-hão a si mesmos, pela disjunção das suas forças. Se não houver uma elevada e gene-



DR. PEDRO FERREIRA DOS SANTOS

rosa comprehensão do nosso problema todos nós continuaremos inconscientemente a servir, *de mil maravilhas*, não os nossos interesses proprios e da agricultura nacional, fonte de toda a riqueza, mas apenas os interesses *partidarios* de uma immoralissima politica de arranjos, que acabará por nos arruinar a todos, mesmo aos que d'ella vivem, deixando abysmar a viticultura na crise angustiosa em face da qual estamos já.

Mas para que tudo isto se consiga, para que esta *Liga* de interesses — se torne verdadeiramente efficaç, para que as nossas *reuniões* e os nossos *Congressos* possam immediatamente obter vantagens reaes e palpaveis — são indispensaveis, além do mais, muita ordem e muita disciplina.

Querem os nossos Sindicatos e associações agricolas aproveitar-se d'este beneficio? Terão de abstrahir de uma parte da sua autonomia (de que estão ainda muito ciosos) fundindo-a no interesse da classe. Caminhando se assim, são seguros os resultados. Não vale, a meu ver, a objecção de que as forças agricolas *não se podem mobilizar tão rapidamente como as forças industriaes ou commerciaes*. E' certo que assim é, e que, por isso, a sua acção, num dado momento, pôde ser menos energica e efficaç que a d'estas outras classes.

Mas, evidentemente, o que lhes falta em rapidez d'acção sobeja-lhe em largueza de ramificações por todo o paiz, o que permite tornar essa acção mais *geral* e *permanente*. Esta differença deriva do facto das classes e forças industriaes e commerciaes estarem concentradas nas grandes cidades, e poderem, assim, exercer rapidamente a sua acção, e de se encontrarem as forças agricolas disseminadas por todo o paiz, o que lhes dá, repetimos, um *menor poder de acção immediata*, mas um *maior fundo de resistencia*.

Em conclusão, ha um só obstaculo que pôde embaraçar e comprometter o exito da nossa Federação agricola.

E' unico, mas é gravissimo. E' o *egoismo* regionalista, feroz, intolerante. Temos que declarar-lhe guerra aberta.

Outras opiniões e alvitres tem vindo a lume; mas todos elles mais ou menos se integram no voto da previa organização e hierarchização das associações agricolas, como unica base solida em que podem assentar quaesquer tentativas de *partido agrario* ou *politica agricola*.

O modo como se fizer essa organização e hierarchização das forças agricolas é que por fim ha de determinar o processo pratico pelo qual a Federação Agricola Portugueza virá a influir na marcha dos negócios publicos.

Depois e só depois se verá se a organização politica da classe agricola poderá ser dependente ou independente da chamada politica partidaria, isto é, se os agricoltos, permanecendo *ensefidados* ao seu partido politico, poderão ou não ligar-se perante as questões agricolas considerando-as como questões abertas.

Os factos é que hão de ensinar o melhor caminho a seguir.

No entretanto a Federação Agricola deve procurar realizar, o mais breve possível, a estreita união dos agricoltos portuguezes; e como o não tem podido conseguir n'uma concentração extra partidaria, terá de combinar um pouco artificialmente homens e doutrinas, formando um inicio de *Liga Agraria Portugueza*, com uma agremiação escrupulosa de elementos de *todos* os partidos, actuando com toda a força para que as questões agricolas sejam campo aberto, e cooperando lealmente com os elementos officiaes para lhes facilitar o desempenho das suas funções.

E' n'este sentido que se está trabalhando, e que a corrente está estabelecida.

O que é que cabe n'esta nova orientação dentro da Politica Agricola e dentro da Politica Partidaria?

Cabe muito, realmente, porque os membros da classe agricola, embora disseminados pelos partidos politicos, podem bem servir os justos interesses da sua classe, mantendo-se n'uma alta comprehensão dos seus deveres de lealdade e honradez.

Mas o que tambem, no entretanto, vai já sendo preciso é que em todas as occasiões em que os Partidos compareçam deante do suffragio popular, os eleitores ruraes se vão recordando d'aquelles que melhor sustentam ou menos abandonam a sua causa.

Este primeiro resultado, esta simples indicação pelo suffragio das sympathias ruraes pelos partidos militantes, — seria facil de conseguir se em cada circulo um ou outro lavrador de influencia quizesse ir sabindo da habitual apathia e culposa indifferença.

«Um jornal, onde dia a dia se defendessem os direitos e lidimos interesses da agricultura, seria de altissimo valor.»

Pois bem, a este alvitre do nobre presidente do Congresso Agricola de 1900 — correspondeu *A Epoca*:

A secção *Interesses Agricolas* tem estado sempre á disposição das associações de lavradores e estes só tem que felicitar-se por ter encontrado na imprensa diaria para defeza da sua causa um jornal tão interessante e cheio de actoridade.

Mas se não existe ainda em Portugal um Partido Agricola, o que ninguem pode desconhecer é a existencia de uma grande força agricola e por consequencia a necessidade de uma Politica Agricola destinada a satisfazer as reclamações legitimas d'essa força — a legião dos agricoltos.

Ainda não ha muito que no Terreiro do Paço e junto da porta do Ministerio das Obras Publicas se viu um bom contingente d'essas forças acompanhando a Real Associação de Agricultura na entrega de uma Representação ao Ministro.

Ninguem pôde duvidar de que essa manifestação ordeira de algumas centenas de lavradores á porta de um ministerio — representa e significa uma primeira amostra do que será o Partido Agricola em Portugal quando devidamente organizado e mobilizavel.

Essa será a obra das associações agricolas, quando por um sentimento de disciplina se impozerem mutuamente o sacrificio de quaesquer divergencias parciais.

Nem serão precisas grandes *campanhas* para os agricoltos portuguezes fazerem valer a sua força e influencia junto dos governos.

Já por mais de uma vez o temos dito: bastar-lhes á que se associem e se *unam* para fallarem apenas em nome dos seus legitimos e absolutos direitos de contribuintes. As suas questurunculas locaes e as questões de ordem puramente politica postas escrupulosamente de parte, visto que o imposto não tem cor politica.

Parece que até ao presente não tem havido tempo nem logar para que os partidos, em meio das suas luctas, se occupem com seriedade dos interesses da Agricultura.

Cremos, porém, ter chegado a hora do predominio das questões sociaes sobre as questões de politica pura. O *problema agrario* ha de imprimir á politica portugueza uma feição nova.

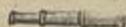


EDUARDO ALDIM, JOSÉ HONORATO DE MENDONÇA, LIGORIO SILVESTRE DA SILVA
ADOLPHO FERREIRA LIMA, GONÇALO HEITOR FERREIRA

VENCEDORES DO «GRUPO PATRIA» NO CONCURSO NACIONAL DE TIRO

(Photographia do sr. Bénoliel)

Que os agricultores portuguezes, apoiados nas suas associações rurais, principiarem de formular nitidamente deante do suffragio popular o programma do que n'este paiz é preciso fazer-se para emendar os erros do passado e assegurar um futuro á Agricultura Nacional.



CONCURSO NACIONAL DE TIRO

N'este concurso realisado na Carreira de Tiro de Pedrouços, no dia 13 do corrente, foi grande a animação e concorrência, pois só o numero de atiradores inscriptos se elevou a 360, consumindo cerca de 8:000 cartuchos.

Escusado é encarecer a vantagem d'estes con-

curso, n'um paiz como o nosso onde é de alta conveniencia que todos estejam habilitados a manejar as armas com destreza, visto que não podemos ter um grande exercito, e que póde chegar um momento em que cada portuguez precise defender a sua patria.

Se os boers não fossem tão bons atiradores, não teriam offerecido a resistencia que todos observámos, batendo-se com uma grande potencia.

O concurso agora realisado foi promovido pelo governo, por intermedio da Direcção dos Serviços Geraes de Infantaria. A elle presidiu S. M. El-Rei D. Carlos com a assistencia de todo o elemento official. Tomaram parte n'este campeonato os grupos *União dos Atiradores Civis, Patria, Suisso* e independentes de Lisboa, Porto, Mafra e Vizeu. Todos se houveram com destreza e brio, mas o que mais se distinguiu foi o *Grupo Patria*, pois que os seus atiradores todos conseguiram bellas *séries* muito eguaes, provando assim mais uma vez quanto são justos os creditos que desfructam e de que se orgulham.

O *Grupo Patria* foi representado pelos srs. Eduardo Aldim, José Honorato de Mendonça, Ligorio Silvestre da Silva, Adolpho Ferreira Lima, e Gonçalo Heitor Ferreira, cinco dos mais destros atiradores d'este grupo, por mais vezes premiados n'estes certamens. Os competidores mais valiosos foram os da *União dos Atiradores Civis*, os srs. Augusto Pinto Bastos, João de Moraes Carvella, João Gallais Grillo e Silvano Felix Pereira.

Dos grupos de fóra de Lisboa o que mais se distinguiu foi o do Porto.

Sua Magestade El-Rei D. Carlos distribuiu os premios aos classificados pelo jury, no fim do concurso.

LAWN TENNIS

Nos courts da Cruz Quebrada realisaram-se no dia 2 do corrente os *finaes* de torneio entre os socios do Lisbon Cricket Club Singles, que teve o seguinte resultado:

Gentlemen doubles. — Ganharam S. Rawes e A. Shore.

Ladies doubles. — Venceram Miss Ethel Barley e Ethel Elleston.

Ladies singles. — Ganhou Miss Phillemore.

Mixed doubles. — Ganharam Miss Barley e Cecil Barley.

Handicap doubles. — Venceram os irmãos Edgard e Cecil Hickie.

No final do torneio distribuiram-se os premios aos vencedores os quaes constaram de alguns objectos valiosos e artisticos.

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes

DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO

Exame endoscopico da urethra e beziga.

Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS | Senhoras — ás 10 horas da manhã

Homens — ás 3 da tarde

LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

Patisserie Internationale

Porto & Com.^{ta}

53, Avenida da Liberdade, 53, LISBOA

NEVE

Todos os dias ha variedade em sorvetes e carapinhadas e continua esta já tão acreditada casa a receber das nossas provincias as suas melhores especialidades.

Doces e bolos de todas as qualidades

Fornece lunches, soirées e bailes

CASA BANCARIA

José Henriques Totta

69, 71, Rua do Ouro, 69, 75

LISBOA

PHOTOGRAPHIA FILLON

a mais antiga de Portugal

A. BOBONE

Pintor photographo de Suas Magestades e Altezas

Premiado em diversas exposições estrangeiras com o Grand Prix, 4 diplomas de honra
8 medalhas d'ouro e 2 de prata

Fazem-se retratos em todos os generos

Grande collecção de monumentos historicos, museus e academias do paiz

79, RUA SERPA PINTO, 87 (Chiado, junto da Igreja dos Martyres), Lisboa

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

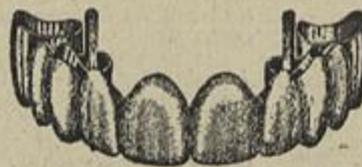
Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas
nacionaes e estrangeiras



R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA



CONSULTORIO CIRURGICO DENTARIO

Gomes Costa

Cirurgião dentista especialista

Doenças da bocca e cor-^{da} def.^{tas} nasas,
clínica dentaria e collocação de dentes

Consultorio — Rua da Boa Vista, 164, 1.º

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Baeta Dias

Sempre artigos de novidade para brinçes

Rua Augusta — LISBOA

Vierling & C.^{TA} — LIMITADA

Cambio e papeis de credito

44, Rua do Arsenal, 46 — 1, Praça do Municipio, 3

LISBOA

Telephone 611 — Endereço telegraphico: STERLING — LISBOA